

Perguntei-lhe qual o bonde que deveríamos tomar e soube que serviriam todos os que passassem na praia de Botafogo.:

– Só não serve o Aguas “Ferrêas”.

Sentámo-nos no eléctrico, onde já vinham algumas “roxinhas”, que elle me informou dizendo quaes as que tambem iam para o *Bohemios*, sendo

[24]

que algumas iam para o *Corbeille de Flores*, no Largo do Machado, e outras para o *Lyrio do Amor*, na rua São Clemente. Não permittiu que eu pagasse as passagens. Via-se em todos os seus actos a confiança, a vontade de agradar. E conseguia.

O bonde entrára na praia de Botafogo; então elle avisára-me que estava proximo. Era alli mesmo na praia, na esquina da rua São Clemente, o *Bohemios*.

Quando saltámos, as “roxinhas” tambem saltaram.

– Vamos tomar um “troço” para esquentar? Eu gosto de entrar no brinquedo, acceso.

Entrámos num Café proximo ao club, e Cabrocha pediu duas doses de vinho do Porto. Foi preciso grande insistencia para que me permitisse pagar a despeza.

Emquanto tomavamos o vinho, elle foi me dando conhecimento da sociedade recreativa onde iamos dansar.

– O *Bohemios* é este aqui da esquina, em cima da padaria. O nome da sociedade é *Sociedade Recreativa*

*Familiar Bohemios de Botafogo*, mas todo mundo “conhece ella” pelo appellido de “açougue de emergencia”.

[25]

Dei uma gargalhada ao ouvir pronunciar esta desinencia que traduzia algo de psychologia... Um “açougue”... Seria um açougue de carne humana para os anthropophagos da civilisação hodierna?

– Não, não se ria. E’ verdade. Você pergunte a qualquer um que seja do “fandango”, para ver se não é isso.

– Não duvido... Essa denominação está certa. Certissima...

Levantámo-nos da mesa e dirigimo-nos ao “açougue”. A’ entrada havia um pequeno corredor, ao fundo do qual iniciava-se uma escada em dois lances. Estava tudo ornamentado de tiras de papel e algumas flôres naturaes e artificaes. Ao alto do primeiro lance da escadaria, no largo patamar donde começava a outra serie de degraus, encontrava-se uma mesinha, coberta com um panno de côr. Ahi, sentado, um mulato gordo, recebia os tres mil réis correspondentes ao preço do ingresso, entregando em troca uma senha.

Subimos e na chapelaria entregámos os chapéus, para cuja guarda pagava-se mais duzentos réis. Essa quota correspondia sómente ao chapéu, pois, se o ingressante trouxesse capa e bengala, pagaria mais duzentos réis por estes objectos.

[26]

O salão, comquanto não fosse de grandes dimensões, era de um tamanho regular, confinando com uma pequena saleta onde também se dansava; estava bem affluído. Numa heterogeneidade foliã, via-se desde a crioulinha *blasée*, sem elegancia, desalinhada, á mulatinha pernóstica de faces avermelhadas por um carmin berrante, cabelo engommado e subjugado por travessas e grampos, num *à la garçon* forçado, mas exigido pela moda. Em meio dessas “cabrochas” e “roxinhas”, viam-se algumas moças brancas de apparencia sobria. São as meninas que não podem fazer um vestido de seda ou calçar sapatos de setim, para se apresentarem no *Fluminense* ou no *Flamengo* e que nestes clubes se divertem, ficando em evidencia por serem brancas.

Já um grande mestre de sociologia sentenciou que “a mulher não é indigna, quando pisa com um sapato de alto custo, farfalha as sedas que a cobre e offusca a moral com as pedrarias que a adornam”.

O que vale uma moça ter uma alma candida, ser um symbolo de pureza, sem um vestido de *charmeuse*? A sociedade não a recebe, porque vê muito pela superficie.

Estava eu neste soliloquio, tão do agrado das minhas idéas revolucionarias, no meu mysanthro-

[27]

pismo, quando Cabrocha, batendo-me no hombro, convidou-me a dansar: